



Atores “não-humanos” no contexto do desenvolvimento territorial: o caso do rio Uruguai.

Alex Sander Barcelos Retamoso ¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo propor a disução sobre a importância de incluir os atores “não-humanos” no planejamento urbano e no desenvolvimento territorial. Apresenta um ensaio teórico sobre elementos que auferem grave importância dos referidos atores para o contexto contemporâneo marcado pelas mudanças climáticas no planeta. Destaca o papel dos rios para o planejamento estratégico territorial das regiões, e propõem o rio Uruguai como modelo a ser estudado para a proposição de um modelo de Planejamento Estratégico de Bacias Hidrográficas.

Palavras-chave: Não-Humanos; Rio Uruguai; desenvolvimento territorial.

INTRODUÇÃO

Historicamente as divisões entre soberanias, cidadanias e linguagens estabeleceram clivagens entre os atores humanos, destas clivagens surgem as divisões políticas e territoriais, às quais, a humanidade como está foi edificada, dando a impressão, que estas divisões foram orquestradas exclusivamente por atores humanos.

Ao registrar a história em primeira pessoa, os homens tecem a narrativa de seus feitos a partir do seu olhar particular, de modo que as narrativas passadas solidificam conceitos que devido a sua complexidade carecem de olhares críticos e meticolosos para sua devida compreensão.

François Hartog, em seu extenso ensaio sobre Heródoto, nos chama atenção para a importância do discurso como narrativa da verdade, ou seja, o discurso como espelho e não como lente, ao aceitar que na obra do conhecido “Pai da história” as fabula criadas pela mente humana como sendo representação do tempo humano, memórias se solidificam. Para o autor, significa dizer que a validade do discurso é auferida como uma imitação da realidade representada, pois, *“Eis, pois, que, com relação às Histórias em si mesmas, o espaço do discurso se apresenta como decalque fiel do espaço concreto (o discurso imita o mundo), valendo o discurso como representação do mundo.”* (HARTOG, 2014, p.379).

¹ Doutor em Ciências Sociais, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: alexretamoso@unipampa.edu.br



Ocorre que, mesmo que todas as ciências pertençam ao panteão das obras humanas, e a ele pertença o monopólio da lente de análise, ele não é o único ator capaz de interferir na realidade dos territórios, mesmo que estes não tenham um “discurso” próprio, são preponderantes na teia da realidade, o ecossistema do planeta terra é um destes atores, e com ele todos os elementos, que de uma maneira ou de outra são agentes incontestáveis nos territórios onde existem, são os atores “não-humanos”.

Este texto busca discutir a partir do olhar das ciências sociais, o lugar que os “não-humanos” ocupam no contexto atual e qual sua importância frente às mudanças climáticas? Para isso, buscou-se analisar um destes atores, a partir de dados coletados durante minha tese de doutorado, o rio Uruguai.

Humanos VS Não-humanos: o discurso de quem?

Para a pesquisadora da University of British Columbia, Juanita Sundberg, precisamos compreender os “não-humanos” como atores nos processos territoriais, para isto, a autora utiliza a ecologia política pós-humanista para defender a ideia de que os desertos os rios e outros “não-humanos” flexionam perturbam e obstruem as práticas diárias de fronteira e fiscalização o que levam os atores estatais a solicitar mais financiamento para a execução do controle fronteiriço, assim, para Sundberg:

To elaborate this argument and methodological approach, I engage my research on the political ecology of U.S. border security. Specifically, I present two scenarios from fieldwork in national wildlife refuges located along the southern border of Arizona and Texas. I turn first to southern Arizona to address the question of who counts as an actor in border security operations. I do so by highlighting the ways in which the Sonora Desert inflects, disrupts, and obstructs the daily practices of boundary enforcement, thereby compelling state actors to call for more funding, infrastructure, boots on the ground, and technology. I then move to south Texas and address the question of agency by showing how two small felines gathered with other actors in ways that compelled the Border Patrol to change border security operations. As these scenarios suggest, taking nonhumans seriously as actors alters explanations for the escalation of U.S. enforcement strategies.² (SONDBERG, 2011, p. 319).

² Para desenvolver este argumento e a abordagem metodológica, dedico-me à minha investigação sobre a ecologia política da segurança das fronteiras dos EUA. Especificamente, apresento dois cenários de trabalho de campo em refúgios nacionais de vida selvagem localizado ao longo da fronteira sul do Arizona e do Texas. Dirijo-me primeiro ao sul do Arizona para abordar a questão de quem conta como ator nas operações de segurança fronteiriça. Faço-o destacando as formas como o deserto de Sonora inflete, perturba e obstrui as práticas quotidianas de práticas quotidianas de aplicação das fronteiras, obrigando assim os atores estatais a exigir mais financiamento, infraestruturas, pessoal no terreno e infraestruturas, botas no terreno e tecnologia. Em seguida, dirijo-me para o sul do Texas e abordo a



Ainda para Juanita, sua perspectiva avança em uma abordagem ontológica relacional que enquadra o humano e “não-humano” como mutuamente constituídas em e através de relações sociais, para a autora uma abordagem relacional recusa-se a tratar o humano como um dado ontológico, o privilegiado, se não o único ator da consequência.

(...) work on companion species, for instance, enacts a relational ontology through stories of “co-habitation, co-evolution, and embodied cross-species sociality” between people and dogs. In such tales, “the partners do not preexist their relating; all that is, is the fruit of becoming with” (Haraway 2008, 17, emphasis added). From this perspective, sociality—socio-political relations—is understood as constituted in and through encounter and association between what Haraway (2008, 5) calls “ordinary knotted beings” that “gather up those who respond to them into unpredictable kinds of ‘we.’”³ (SONDBERG, 2011, p. 319).

Para a Juanita, cuja proposta de análise é como desertos, rios e felinos influenciam, interrompem e obstruem práticas de atores estatais presentes na fronteira entre os Estados Unidos da América com o México, é preciso levar os atores “não-humanos” a sério, pois, são atores estratégicos e de extrema importância para os territórios onde estão presentes. Como exemplo disso, a autora esclarece sobre os investimentos (equipamentos, monitoramento, drones e etc.) que o governo norte americano dispende para mitigar os efeitos das ações provocadas por estes atores.

Outro autor que aborda a importância de incorporar os atores “não-humanos” à lógica do pensamento contemporâneo é o antropólogo francês Philippe Descola, (DESCOLA 2017, p.18), que, propõem o debate sobre uma antropologia da natureza, onde outros seres possam fazer parte do arquétipo de desenvolvimento que leve em conta os prejuízos e consequências que sofrem pela ação humana.

questão da agência, mostrando como dois pequenos felinos se juntaram a outros atores de forma a que obrigaram a Patrulha de Fronteira a alterar as operações de segurança fronteiriça. Como estes cenários sugerem levar a sério os não-humanos como atores altera as explicações para a escalada das estratégias de aplicação da lei dos EUA. *Tradução nossa.*

³ ...o trabalho de espécies companheiras, por exemplo, adota uma ontologia relacional através de histórias de “co-habitação, co-evolução e socialidade incorporada entre espécies” entre pessoas e cães. Nesses contos, “os parceiros não preexistem à sua relação; tudo o que é, é o fruto do tornar-se com” (Haraway 2008, 17, ênfase acrescentada). Nesta perspectiva, a socialidade - relações sócio-políticas - é entendida como constituída no e através do encontro e associação entre aquilo a que Haraway (2008, 5) chama “seres comuns com nós” que “reúnem aqueles que reúnem aqueles que lhes respondem em tipos imprevisíveis do ‘nós’”. *Tradução nossa.*



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



La segunda diferencia entre la época de Humboldt y ahora, a pesar de que él formuló críticas tempranas a los estragos del colonialismo ibérico, es que una pequeña porción de la humanidad se apropió del planeta Tierra y lo devastó para asegurar lo que considera su bienestar, en detrimento de una multitud de otros seres, humanos y no humanos, que pagan día tras día las consecuencias de esta codicia. Así, la humanidad en general no originó el Antropoceno, sino un sistema, un modo de vida, una ideología, una manera de darle sentido al mundo y a las cosas, que sedujeron y se extendieron cada vez más y de las cuales es necesario entender sus particularidades si queremos acabar con aquél y cambiar de rumbo para intentar evitar algunas de sus consecuencias más dramáticas. (DESCOLA, 2017, p.18).

Para Philippe Descola, o período em que vivemos, o antropoceno, que é um sistema ideológico, um modo de vida, uma maneira de dar sentido a tudo que vemos. Ocorre que, as consequências da exploração humana do planeta, agravadas com as mudanças climáticas, vem demonstrando que o descaso com atores “não-humanos” acaba por agravar ainda mais os eventos climáticos como é o caso da relação com os rios, pelas secas e as enchentes.

Por otra parte, para enfrentar la emergencia del cambio climático, ahora tenemos que aprender y propagar la idea todavía nueva de que nuestro destino no se limita a un enfrentamiento más o menos hostil entre los humanos y la naturaleza por medio de la técnica, como la tradición moderna quiso hacernos creer, sino que depende totalmente de los billones de acciones y retroacciones por las cuales engendramos cotidianamente las condiciones medioambientales que nos permiten habitar el planeta Tierra. (DESCOLA, 2017, p. 24)

Um dos exemplos desta relação, no nosso território, onde o rio é um ator que molda as ações, é o que ocorre com as cheias e transbordamentos do rio Uruguai, fluxos viários são alterados, pontes e caminhos são interditados, políticas públicas e investimentos são manejados a fim de mitigar as ações do rio ao longo de toda bacia hidrográfica no entorno do mesmo, interferindo como um ator importante e marcando sua parcela de território.

O Estado do rio Grande do Sul, no ano de 2024, ficou marcado pelas grandes enchentes e enchurradas que devastaram áreas que nunca antes haviam sido afetadas pelas subas repentinas do nível dos rios urbanos, contudo, com o aumento da intensidade das mudanças climáticas e dos ciclos hidricos estão interferindo de maneira drástica nestas áreas, parafraseando o poeta Mario Barbará “Mas o que foi! Nunca mais será!”, os modelos passados de previsão já não dão conta de traduzir a velocidade e intensidade das mudanças climáticas atuais, precisamos de novas observações, novos modelos, novos estudos.



Um rio Transfronteiriço: quem é o rio Uruguai?

O Rio Uruguai faz parte de um sistema hídrico, juntamente com o Rio Paraná e o Rio Paraguai, que drena águas de áreas de países como Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Estes rios desembocam juntos no Estuário do Prata, e formam o chamado Rio da Prata, muito mencionado entre os exploradores dos séculos XVII e XVIII, e com importância estratégica para a logística hidroviária da região por séculos e que, pela importância, dá nome ao país Argentina (Argentum em latim).

Ilustração 1 – Bacia do rio da Prata.



Fonte: <https://ecoa.org.br/agua/bacia-do-rio-da-prata/>

Para (García e Vargas, 2009, p.290), a Bacia Hidrográfica do Rio da Prata é a segunda maior na América do Sul em vazão média e área de drenagem, perdendo apenas para a Bacia Amazônica. Também é a quinta maior bacia hidrográfica do mundo em termos de área de drenagem, drenando aproximadamente três milhões de quilômetros quadrados em cinco países na América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai.

La Cuenca del Plata es una de las más importantes del mundo, tanto por su extensión como por sus características socioeconómicas. Es un área de más de tres millones de kilómetros cuadrados, habitada actualmente por más de 110 millones de personas y produce más del 70% del PBI de los cinco países

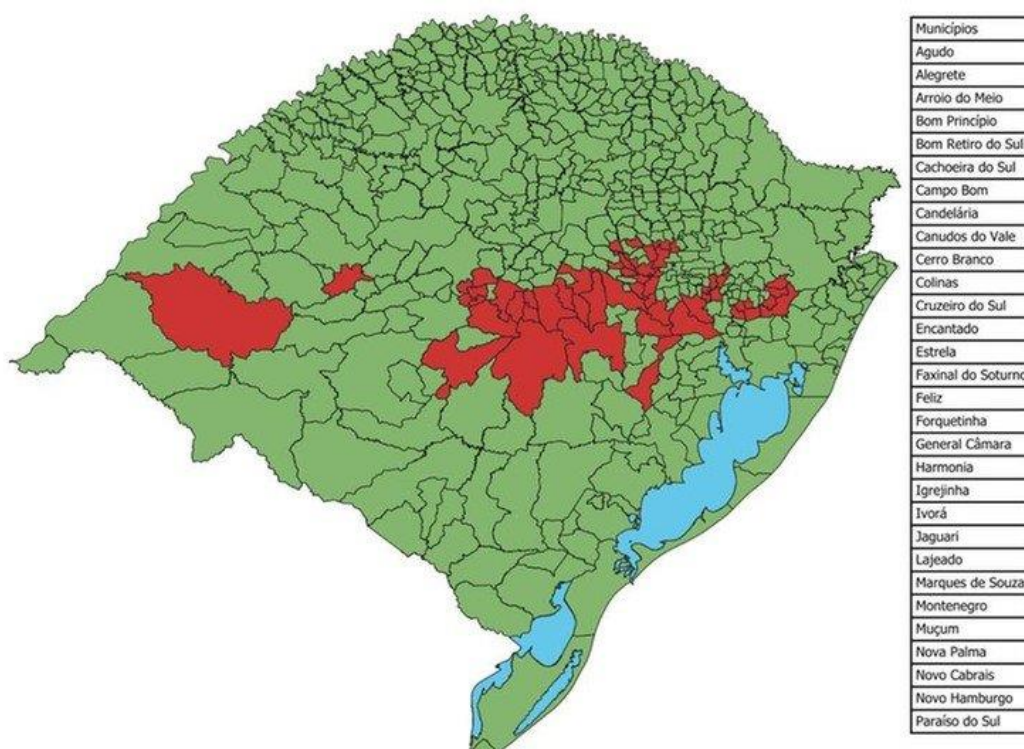


que la integran. (COMITÉ INTERGUBERNAMENTAL COORDINADOR DE LOS PAÍSES DE LA CUENCA DEL PLATA, 2017, p. 13).

O rio Uruguai tem grande influência cultural e material na fronteira, seja com territórios internacionais, seja em território nacional, pois divide tanto fronteiras políticas internas e externas, suas subas de nível repentinas, conhecidas como cheias, e a escassez hídrica, conhecida como seca, impactam diretamente a população ribeirinha, pois a região possui pouco índice de ocupação urbana o que torna as enchentes de pouca comoção pública, pois, acomete a uma população específica, que, parece ter pouco ou nenhuma representação midiática.

Como características principais, o Rio Uruguai possui uma baixa capacidade de armazenamento, o relevo acidentado no trecho alto da Bacia, trecho mais plano na região da Campanha Gaúcha, com solo pouco profundo, o que faz com que ele escoe em leito rochoso. Isso implica em inundações nas áreas ribeirinhas, nos períodos de precipitações intensas. Do mesmo modo, quando ocorrem períodos de estiagens, há uma dificuldade para garantir o atendimento das demandas. Por ter um regime de chuvas variado, dificulta o planejamento da utilização da água na Bacia. (RETAMOSO, 2021, p.

Ilustração 2 – Enchentes no RS 2024.



Fonte: Correio do Povo On-line.

Ocorre que, em 2024, os demais rios do Rio Grande do Sul, também enfrentaram o efeito do grande volume hídrico acumulado em quase todas as regiões do Estado, com destaque para as regiões mais próximas do entorno metropolitano, o que, acabou



atingindo muito mais pessoas, devido a grande densidade populacional dos centros urbanos atingidos.

Podemos traçar um comparativo entre impacto de uma enchente, de um rio ou de outro, contudo, o comportamento do fluido obedece somente às leis da física e ocupa seu espaço através da geografia, dos contornos geológicos que moldam os territórios, e segue seu curso impelido pela força do volume acumulado, acelerada pela gravidade, a exemplo disso, podemos ter uma idéia do volume de água em uma enchente comparando duas fotos do rio Uruguai, que é um rio que apresenta alta drenagem e corre em declive em leito rochoso.

Ilustração 3 – Foto da Ponte Internacional da Integração (2020).



Fonte: Acervo do autor.

A primeira, ilustração 3, representa o leito do rio Uruguai na seca de 2020 com a ponte Internacional da Integração ao fundo; a segunda, ilustração 4, representa a mesma ponte durante as cheias de 2023, estas duas imagens dá-nos a ideia do volume de água envolvendo o rio, opostos, do momento em que se poderia travessar o rio a pé, até a ponte quase nos limite para ser interditada. As consequências de eventos hídricos como



estes, impactam de maneira determinante a vida do rio e dos atores que vivem ao seu entorno.

Ilustração 4 – Enchente Ponte da Integração São Borja x Santo Tomé 2023.



Fonte: Foto de Marcelo Rodrigues da Silva, 2023.



Considerando que, o rio Uruguai está localizado em uma região com baixa densidade demográfica e que, devido a seu perfil agrícola, as cidades não possuem grande volume de estruturas fabris e urbanas, não percebemos de pronto os potenciais impactos deste rio transfronteiriço, contudo, ao estudá-lo com mais afinco, ele poderá nos fornecer a metáfora perfeita para estabelecermos uma nova metodologia de instância de planejamento estratégico territorial, o Planejamento Estratégico Territorial das Bacias Hidrográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diz o senso comum, entre a língua e os dentes, qual tem a maior capacidade de adaptação para evitar ser mordida? O senso comum diz que os dentes quebram porque são inflexíveis, e a língua se ajusta precisamente por ser flexível, podemos analisar a nossa relação com a natureza da mesma maneira, somos flexíveis ou não, um perante o outro? Qual é o mais apto a ser flexível, a natureza ou o homem? São perguntas que vem sendo postas a prova com maior vigor atualmente, em virtude das mudanças climáticas que estão ocorrendo, precisamos nos ajustar ou ajustar a natureza? O que é mais viável?

Obviamente, o homem, ao classificar a si próprio como ser racional, tem plenas condições de estabelecer uma postura flexível perante os cenários que lhe são impostos pelo ambiente, mas, aparentemente, quando o assunto é natureza, parece que temos uma dificuldade mais acentuada para uma adaptação que não envolva o uso econômico do ambiente.

Parte da emergência climática, têm a ver com o uso dos recursos, não mais apenas o extrativismo, mas principalmente os rejeitos, dentre estes o plástico, que se avoluma em rios e nos oceanos. Assim, o mínimo que podemos fazer é rever nossa posicionamento frente a estas questões que implicam na manutenção das condições de vida do meio ambiente e da civilização humana.

Compreender as dinâmicas hídricas dos rios é parte fundamental e basilar da compreensão das possibilidades de desenvolvimento territorial das regiões, a fim de não cometermos erros que impactem vidas de humanos e “não-humanos”, buscando formas de co-habitar o planeta em conjunto à outras espécies.



Este ensaio busca provocar a reflexão sobre o estudo da bacia hidrográfica do rio Uruguai como base para um novo planejamento estratégico territorial, onde o recorte geográfico não seja padeado exclusivamente pelos contornos políticos dos territórios, mas também, e principalmente pela região hidrográfica definida, incluindo as bacias e sub-bacias, a montante e a jusante deste histórico rio.

REFERÊNCIAS

- COMITÉ INTERGUBERNAMENTAL COORDINADOR DE LOS PAÍSES DE LA CUENCA DEL PLATA (CIC), Análisis Diagnóstico Transfronterizo de la Cuenca del Plata-ADT. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires ; Estados Unidos : Organización de los Estados Americanos - OEA, 2017. Acesso: 22/04/2024. Disponível em: https://cicplata.org/wp-content/uploads/2017/09/analisis_diagnostico_transfronterizo_de_la_cuenca_del_plata.pdf
- Descola, P. (2017). ¿Humano, demasiado humano?. *Desacatos. Revista De Ciencias Sociales*, (54), 16–27. <https://doi.org/10.29340/54.1737>
- Mapa das enchentes no RS. Correio do Povo On-line. Acesso: 14/07/2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/mapa-mostra-cidades-que-devem-ser-mais-afetadas-por-enchentes-1.1489549>
- GARCÍA, N. O.; VARGAS, W. M. The spatial variability of runoff and precipitation in the Rio de la Plata basin. **Hydrological Sciences Journal**, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 279-299, 1996. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02626669609491503>. Acesso em: 25 maio 2020.
- HARTOG, François. O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro; 2 ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.
- RETAMOSO, Alex Sander Barcelos. Fronteira , ponte e rio: limites e passagens para diferentes atores em São Borja. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10044> Acesso: 20 fev. 2024.



SUNDBERG Juanita Diabolic Caminos in the Desert and Cat Fights on the Río: A Posthumanist Political Ecology of Boundary Enforcement in the United States–Mexico Borderlands, *Annals of the Association of American Geographers*, 101:2, 318-336, 2011 Acesso em: 28/11/2023 Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1080/00045608.2010.538323>

IUSTRAÇÃO 1. Bacia do Rio da Prata. Acesso: 22/07/2024 Disponível em:

<https://ecoa.org.br/agua/bacia-do-rio-da-prata/>